



## Uma crise em minha história intelectual <sup>1</sup>

**John Stuart Mill**

Tradução de Flávio Rocha de Deus <sup>2 3</sup>

Desde o inverno de 1821, quando li Bentham pela primeira vez, e especialmente com o início da *Westminster Review* <sup>4</sup>, tive o que realmente poderia ser chamado de um objetivo na vida: ser um reformador do mundo. Minha própria concepção de felicidade era tal objetivo. Estava acostumado me sentir feliz pela certeza que gozava, por ter colocando minha felicidade em algo duradouro e distante, no qual o progresso seria sempre constante e nunca fosse esgotar por uma realização completa. Isso funcionou muito bem por vários anos, durante os quais a ideia de melhorar o mundo e a sensação de que eu estava engajado com os outros na luta para promover tal melhora me pareciam suficientes para preencher uma existência interessante e animada. *Mas chegou a hora em que acordei disso como de um sonho*. Foi no outono de 1826. Eu estava com os nervos em frangalhos, como todo mundo ocasionalmente sofre; insusceptível ao prazer ou excitação prazerosa; um daqueles estados de ânimo em que o que é prazer em outros momentos se torna insípido ou indiferente. Neste estado de espírito, ocorreu-me colocar uma questão para mim mesmo: "Suponha que todos os seus objetivos na vida foram realizados; que todas as mudanças nas instituições e opiniões que você está esperando, poderiam ser completamente efetuadas neste exato momento instantâneo: isso seria uma grande alegria e felicidade para você?" E uma autoconsciência

---

<sup>1</sup> John Stuart Mill foi um filósofo inglês educado por seu pai desde a infância com extraordinário rigor e disciplina, não apenas para acreditar no "princípio da maior felicidade" do utilitarismo benthamita como também ser um exemplo de prodígio intelectual e distinta erudição. Porém, como podemos ver no quinto capítulo de sua autobiografia, texto este aqui traduzido, no outono de 1826 o jovem Mill, aos 21 anos, se deparou com a contradição de suas escolhas e ficou seriamente deprimido. Ele se perguntou se a realização de todas as ideias a qual defendia o fariam alcançar a felicidade a qual desejava. Porém, "Uma autoconsciência irreprimível respondeu distintamente: Não!". Em enorme desalento ele afundou em si mesmo e caiu em "desânimo seco e pesado". Este texto aqui disponibilizado narra o abandono de uma crença infantil em um ideal filosófico. (N.T.)

<sup>2</sup> Graduando em Filosofia pela Universidade do Estado da Bahia. E-mail: rocha.iflavio@gmail.com.

<sup>3</sup> Agradeço a minha amada amiga Simone Borges e meu querido Prof. Valério Hillesheim pessoas estas a quem as conversas me enviaram em busca de tal texto que aqui posso publicar.

<sup>4</sup> Revista britânica trimestral fundada por Jeremy Bentham em 1823 com o objetivo de ser um porta voz dos filósofos radicais (liberais) da época. Suas publicações tiveram fim em 1914. (N.T.)

irreprimível respondeu distintamente: "Não!". Com isso, meu coração afundou dentro de mim: todo o alicerce sobre o qual minha vida foi construída caiu. Toda a minha felicidade deveria ter sido encontrada na busca contínua por esse fim, porém, o fim havia deixado de seduzir, e como poderia eu deter de novo interesse pelos meios? Eu parecia não ter mais nada pelo que viver.

A princípio, tive esperança de que a nuvem passasse por si mesma; mas isso não aconteceu. Uma noite de sono, *o remédio soberano para os menores aborrecimentos* da vida, não teve nenhum efeito sobre ele. Acordei com uma consciência renovada do fato lamentável. Eu carreguei comigo em todas as empresas, em todas as ocupações. Quase nada tinha o poder de me fazer esquecer, mesmo que fosse por alguns minutos. Por alguns meses, a nuvem pareceu ficar cada vez mais espessa. As falas em "Dejection" de Coleridge - eu não as conhecia - descrevem exatamente meu caso:

Uma dor sem pontada, vazia, sombria e sombria,  
Uma dor sonolenta, sufocada, sem paixão,  
Que não encontra escoamento natural ou alívio  
Em palavras, ou suspiros, ou lágrimas.

Em vão busquei alívio em meus livros favoritos; aqueles memoriais de nobreza e grandeza do passado, dos quais sempre extraíra força e animação, passaram a ser lidos sem o antigo sentimento de pleno encanto; *fiquei persuadido de que meu amor pela humanidade e pela excelência por si mesma havia se desgastado*. Não busquei conforto em falar aos outros sobre o que sentia. Se eu tivesse amado alguém o suficiente para fazer de minhas tristezas uma necessidade, não estaria na condição em que estava. Senti também que a minha não era uma aflição interessante, ou de qualquer forma respeitável. Não havia nada nele para atrair simpatia. O conselho, se eu soubesse onde procurá-lo, teria sido muito precioso. Mas não havia ninguém em quem eu pudesse construir a menor esperança de tal ajuda.

Meu pai, a quem teria sido natural para mim recorrer em quaisquer dificuldades práticas, foi a última pessoa a quem, num caso como este, procurei socorro. Tudo me convenceu de que ele não tinha conhecimento de nenhum estado mental do qual eu estava sofrendo e que, mesmo que pudesse ser feito para entendê-lo, ele não era o médico que poderia curá-lo. Minha educação, que foi inteiramente obra sua, foi conduzida sem qualquer consideração à possibilidade de terminar neste resultado; e não vi utilidade em lhe causar a dor de pensar que seus planos haviam fracassado, quando o fracasso era provavelmente irremediável e, em todo caso, ultrapassava suas capacidades de oferecer cura. De outros amigos, não tinha naquela época nenhum a quem tivesse esperança de tornar inteligível minha condição que era tão inteligível para mim; e que quanto mais pensava mais desesperador parecia.

Meus estudos me levam a acreditar que todos os sentimentos e qualidades intelectuais ou morais, sejam boas ou ruins, eram o resultado de associações; que amamos uma coisa e odiamos outra pois temos prazer em um tipo de ação ou

contemplação, e dor em outras, por meio do apego de ideias prazerosas ou dolorosas a essas coisas, a partir do efeito da educação ou da experiência. Como corolário disso, eu sempre tinha ouvido isso sustentado por meu pai, e eu mesmo estava convencido de que o objetivo da educação deveria ser formar as melhores e mais saudáveis associações possíveis; associações de prazer com todas as coisas benéficas ao grande todo, e de dor com todas as coisas prejudiciais a ele.

Essa doutrina parecia inexpugnável; mas agora me parecia, em retrospecto, que meus professores se ocuparam, mas superficialmente, com os meios de formar e manter essas boas associações. Eles pareciam ter confiado completamente nos velhos instrumentos familiares: elogios e acusações, *recompensas* e *punições*. Bem, eu não tinha dúvidas de que por esses meios, iniciados cedo e aplicados incessantemente, associações intensas de dor e prazer, especialmente de dor, poderiam ser criadas e poderiam produzir desejos e aversões capazes de durar sem diminuição até o fim da vida. Mas sempre deve haver algo artificial e casual nas associações assim produzidas. As dores e prazeres assim já associadas à força com as coisas não estão ligados a elas por nenhum laço natural; e é, portanto, pensei, essencial para a durabilidade dessas associações, que eles deveriam ter se tornado tão intensos e inveterados a ponto de serem praticamente indissolúveis, antes que o exercício habitual do poder de análise tivesse começado. Pois agora vi que o hábito da análise tende a desgastar os sentimentos: como de fato aconteceu, quando nenhum outro hábito mental é cultivado e o espírito analisador permanece sem seus complementos e corretivos naturais. A própria excelência da análise é que ela tende a enfraquecer tudo o que é resultado do preconceito; que nos capacita mentalmente a separar ideias que apenas casualmente se juntaram: e nenhuma associação poderia resistir a essa força dissolvente, se não devêssemos analisar nosso conhecimento mais claro das sequências permanentes na natureza; as conexões reais entre as coisas, não dependentes de nossa vontade e sentimentos; leis naturais, na proporção em que são claramente percebidas e imaginativamente realizadas, fazem com que nossas ideias de coisas que estão sempre reunidas na Natureza se tornem cada vez mais coerentes em nossos pensamentos. Os hábitos analíticos tendem a enfraquecer totalmente aquelas [associações] que são, para falar com familiaridade, uma mera questão de sentimento.

Eles são, portanto (pensei) favoráveis à prudência e à clarividência, mas um verme perpétuo na raiz das paixões e das virtudes; e, acima de tudo, minar terrivelmente todos os desejos e todos os prazeres. Saber que um sentimento me faria feliz se eu o tivesse não me dava esse sentimento. Minha educação, pensei, falhou em criar esses sentimentos com força suficiente para resistir à influência dissolvente da análise, ao passo que todo o curso de meu cultivo intelectual tornou a análise precoce e prematura o hábito inveterado de minha mente. Fiquei, portanto, encalhado no início de minha viagem, com um navio bem equipado e um leme, mas sem vela; sem nenhum desejo real pelos fins para os quais fui tão cuidadosamente preparado para trabalhar: nenhum prazer na virtude ou no bem geral, mas também tão pouco em qualquer outra

coisa. As fontes da vaidade e da ambição pareciam ter secado dentro de mim, tão completamente quanto as da benevolência. Tive alguma gratificação de vaidade em uma idade muito jovem: eu tinha obtido alguma distinção, e me sentia de alguma importância, antes que o desejo de distinção e de importância se transformasse em uma paixão: e por pouco que eu tivesse alcançado, ainda assim, tendo sido alcançado muito cedo, como todos os prazeres desfrutados muito cedo, isso me deixou blasé e indiferente à perseguição. Assim, nem os prazeres egoístas nem altruístas eram prazeres para mim. E parecia não haver poder na natureza suficiente para recomeçar a formação de meu caráter e criar, em uma mente agora irremediavelmente analítica, novas associações de prazer com qualquer um dos objetos do desejo humano.

Esses foram os pensamentos que se misturaram ao pesado desânimo seco do inverno melancólico de 1826-7. Durante esse tempo, não fui incapaz de minhas ocupações habituais. Continuei com eles mecanicamente, pela mera força do hábito. Eu tinha sido tão treinado em um certo tipo de exercício mental que ainda poderia continuar quando todo o espírito tivesse saído dele. Duas linhas de Coleridge estavam frequentemente em meus pensamentos, não neste momento (pois eu nunca as tinha lido), mas em um período posterior da mesma doença mental:

Trabalho sem esperança é reservar néctar em uma peneira,  
E esperança sem um objeto não pode viver.

Com toda a probabilidade, meu caso não era de forma alguma tão peculiar quanto eu imaginava, e não duvido que muitos outros tenham passado por um estado semelhante mas as idiosincrasias de minha educação haviam dado ao fenômeno geral um caráter especial, que o fazia parecer o efeito natural de causas que dificilmente seria possível com o tempo remover. Frequentemente me perguntei se poderia, ou se deveria continuar vivendo, nesta vida que agora vislumbrava como era. Em geral, respondia a mim mesmo que não achava que poderia suportar isso por mais de um ano. Quando, no entanto, não passou mais da metade desse período de tempo, um pequeno raio de luz irrompeu na minha escuridão. Eu estava lendo, acidentalmente, *Memoires* de Marmontel, e cheguei à passagem que relata a morte de seu pai, a situação angustiada da família, e a inspiração repentina pela qual ele, então um mero menino, sentiu e os fez sentir que ele seria tudo para eles – substituiria tudo o que haviam perdido. Uma vívida concepção da cena e de seus sentimentos se apoderou de mim, e fui levado às lágrimas. A partir desse momento, meu fardo ficou mais leve. A opressão do pensamento de que todos os sentimentos estavam mortos dentro de mim se foi. Eu não estava mais desesperado: não era um tronco ou uma pedra. Eu ainda tinha, ao que parecia, um pouco do material com o qual todo o valor do caráter e toda a capacidade para a felicidade são feitos. Aliviado de minha sempre presente sensação de miséria irremediável, gradualmente descobri que os incidentes comuns da vida poderiam novamente me dar algum prazer; que eu poderia novamente encontrar alegria, não intensa, mas suficiente para a alegria, no sol e no céu, nos livros, nas conversas, nos negócios públicos; e que havia, mais uma vez, entusiasmo, embora de tipo moderado,

em me esforçar por minhas opiniões e pelo bem público. Assim, a nuvem foi se dissipando gradualmente e eu novamente aproveitei a vida: e embora tivesse várias recaídas, algumas das quais duraram muitos meses, nunca mais me senti tão infeliz como antes.